

FOME E DESOLAÇÃO

NOS ARREDORES DE LICHINGA

DMoz. 30/5/84

Fome e desolação é o estado que se vive nos arredores de Lichinga, capital provincial do Niassa, devido à chegada massiva de deslocados da guerra provenientes dos mais distantes pontos da região. Apesar de a terra ser bastante fértil para a prática da agricultura — único meio de sobrevivência das população — faltam os factores de produção, muitas das vezes retidos noutras províncias em consequência da interrupção das vias de acesso à Lichinga, principalmente a linha ferroviária Nacala-Entre-Lagos.

Em visita que recentemente realizamos a algumas zonas suburbanas de Lichinga vimos o sofrimento no verdadeiro sentido da palavra, a que muitas famílias estão condenadas apesar de um esforço notável por parte da população em vencer algumas dificuldades, particularmente a fome que é o problema número um.

Não nos foi possível apurar oficialmente a quantidade de pessoas nesta situação, mas pôde constatar-se a olho nu que rondam as dezenas de milhares, fazendo parte dos 194 mil deslocados existentes em toda a província que reclamam apoio urgente em alimentos. e acima de tudo, factores de produção para o rápido restabelecimento da sua vida normal.

Um dos bairros, que visita mos e que nos pareceu ser o mais afectado pela situação em referência, foi o de Chiwaule, a cerca de 30 quilómetros de Lichinga, onde vivem 626 famílias. Nele encontram-se presentemente 354 pessoas deslocadas, segundo nos referiu o respectivo secretário, Vicente Abasse.

«O número dos deslocados tende a evoluir continuamente. No princípio do ano tínhamos

apenas cerca da metade do que já existe. Apesar de a situação ser também para nós desfavorável, procuramos mobilizar os moradores para darem o apoio possível aos nossos irmãos vítimas da guerra» — frisou.

Segundo ele, semanalmente tem se procedido à entrega das listas dos novos deslocados chegados ao bairro ao Departamento Provincial de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais para a concessão do de

agrícolas do Niassa.

DESLOCADOS SÃO TODOS

A amarga realidade a que a província do Niassa está condenada pela guerra sobretudo a sabotagem às vias de acesso à capital provincial, levam que se possa afirmar que toda a população da província é deslocada. O abastecimento normal e mesmo o de emergência tem muitas dificuldades para ali chegar, obrigando as populações a ficarem meses a fio a

«devido as linhas de comunicação que estão intrasitáveis»

A mesma fonte, disse que muitas das vezes o abastecimento à província, sobretudo o de emergência, é feito através de avião o que para além de ser dispendioso é bastante inconveniente dada a escassas quantidades que dele se pode transportar.

«Estamos a sofrer. Em Maputo dizem que o PRE mudou tudo, há de tudo nas lojas o que falta é o dinheiro. Aqui nem outra coisa existe. Compreendemos que o nosso problema é a guerra, mas também estamos convictos de que se pode fazer mais alguma coisa por nós» — assim disse à nossa reportagem Alberto Cassimo, 28 anos e camponês do bairro de Chiwaule.

Para o secretário daquele mesmo bairro, enquanto alguns não recebem o apoio conveniente, principalmente em factores de produção, conforme já nos referimos começam entretanto a surgir perturbações nas redondezas da cidade, relacionadas com roubos nas machambas das populações.

«Aqui no bairro, por exemplo, começam a acentuar-se os roubos de produtos nas machambas. Muitas das vítimas destas acções dizem que os seus autores são os ex-evacuados da Operação Produção que se recusam ao trabalho, entregando-se à vadiagem. É um caso sério que num futuro breve poderá ser alarmante» — frisou por seu turno, Alabi Magu'a, comandante das milícias do mesmo bairro.

REALIDADES AMARGAS

A situação dos deslocados da guerra vindos de vários pontos do Niassa é bastante difícil e até sentimental. Numa breve ronda e conversa com algumas pessoas nestas condições, a mensagem comum que nos deram foi o apelo ao Go-

verno para o fornecimento de enxadas, catanas, sementes e outros factores «básicos», como eles designaram, «para podermos produzir».

Rahema Ali, 29 anos, camponesa e mãe de cinco filhos que se encontra em Chiwaule veio de Muembe, a cerca de 100 quilómetros de Lichinga. Declarando não possuir nada do que um ser humano necessita para viver, ele adiantou que

«Lá em Muembe, eu tinha conseguido produzir alguma coisa. Até porque eu já tinha trocado outra comida por roupa, na AGRICOM. Mas agora estou condenada a mendigo de rua, sem enxada, nem semente para produzir, com estas minhas mãos» — disse.

«A nossa aldeia foi queimada por duas vezes pelos bandidos. Na terceira, então saímos todos e eu vim para aqui.

de Namuanica, distrito de Lichinga.

Nali Gimo, cuja idade não conhece, confessou ter sido há tempos camponesa, tendo vira do hoje a mendiga, «coisa difícil para uma pessoa como eu que estou acostumada a traba-

lhar na machambas; oh meu Deus! Ela vivia no distrito de Sanga, tendo vindo para Chiwaule depois de os bandidos terem destruído a sua aldeia.

«Na presente situação é verdade que nós precisamos urgentemente de comida. Mas no fundo queremos meios de produção. Se eu tivesse a minha enxada, garanto que daqui a alguns meses deixava de mendigar pelo menos comida» — comentou.

Apesar desta triste realidade que abraça a população do Niassa, no seu todo, há uma verdadeira notória e evidente determinação do povo na produção e no combate aos bandidos armados, responsáveis por este negro quadro da vida no Niassa e no país em geral. Esta determinação foi destacada durante o comício popular que o Presidente Joaquim Chissano orientou em

Lichinga, no qual a população pediu para que fosse treinada e armada para se defender das atrocidades dos bandidos.

Texto de José Manuel, nosso enviado

Fotos do arquivo



Duas gerações traumatizadas pela guerra



Fome e desolação são as constantes que se vivem nos campos de deslocados como resultado da guerra que já fez milhares de vítimas

os bandidos queimaram-lhe o seu celeiro, destruíram a sua casa obrigando-lhe a abandonar a aldeia juntamente com os seus filhos, enquanto que o marido está no Malawi

Estou em casa de uma pessoa que gentilmente me concedeu alojamento, enquanto que comida é só desenrascar» — palavras de Lúcia Assadi, 20 anos, natURAL da localidade